



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA POLÍTICA

OSMAR BERNARDES JÚNIOR

DAS CLASSES ÀS IDENTIDADES:
O movimento estudantil de esquerda em 68 e 2018

BRASÍLIA

2018

Osmar Bernardes Júnior

**DAS CLASSES ÀS IDENTIDADES:
O movimento estudantil de esquerda em 68 e 2018**

Monografia apresentada ao curso de graduação em
Ciência Política pela Universidade de Brasília
como requisito parcial para a obtenção do título de
bacharel em Ciência Política.

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Nascimento

BRASÍLIA

2018

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

C699a

Bernardes Júnior, Osmar.

Das Classes às Identidades: o movimento estudantil de esquerda em 68 e 2018 / Osmar Bernardes Júnior. – Brasília, 2018.

38f.: il. color.

Orientador: Profº. Paulo César Nascimento

Monografia (Graduação) – Universidade de Brasília, Instituto de Ciência Política, Curso de graduação em Ciência Política, 2018.

1. Movimento Estudantil. 2. Marxismo. 3. Nova Esquerda. 4. Universidade. 5. Política Identitária. I. Título.

DAS CLASSES ÀS IDENTIDADES:

O movimento estudantil de esquerda em 68 e 2018

Monografia apresentada ao curso de graduação em
Ciência Política pela Universidade de Brasília
como requisito parcial para a obtenção do título de
bacharel em Ciência Política.

Brasília, ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo César Nascimento
Universidade de Brasília

Prof. Gerson Bréa
Technische Universität München

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força para enfrentar momentos difíceis longe de casa, e ao Santo Tomás More, pela força nos estudos e para confrontar os desafios do dia a dia em uma universidade federal.

A minha mãe, que me apoiou na mudança de curso e me encorajou a trilhar um novo caminho.

A meu orientador, Prof. Paulo Nascimento, por aceitar meu trabalho, pela paciência, pela compreensão e pelos prazos estendidos.

A minha família, por sempre me dar forças, mesmo distante.

A meus amigos e aos colegas do movimento estudantil, com quem dividi experiências e aprendi muito.

“We Shall soon be in a world in which a man may be howled down for saying that two and two make four, in which furious party cries will be raised against anybody who says that cows have horns, in which people will persecute the heresy of calling a triangle a three-sided figure, and hang a man for maddening a mob with the news that grass is green”

(Gilbert K. Chesterton, Illustrated London News, “On Modern Controversy”, 14 de Agosto de 1926)

RESUMO

Este trabalho analisa dois momentos, 1968 e 2018, do movimento estudantil de esquerda no Brasil para buscar semelhanças e diferenças dos grupos universitários nas suas atuações, concepções de mundo, ideologias, autodefinições e análises que fazem da história brasileira, além das percepções que possuem sobre a sociedade contemporânea no país.

Palavras-chaves: Movimento Estudantil. Marxismo. Nova Esquerda. Universidade. Política identitária.

ABSTRACT

This work analyses two moments, 1968 and 2018, of the left-wing student movement in Brazil, aiming to search groups' similarities and differences regarding their actions, worldviews, ideologies, self-definitions and analysis about Brazilian history, in addition to their perceptions about contemporary society in the country.

Keywords: Student politics. Marxism. New left. University. Identity Politics.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1. O jovem e a política.....	9
1.2. O universitário e a UNE.....	11
1.3. Hipótese.....	16
2. O MOVIMENTO ESTUDANTIL DOS ANOS 60.....	19
2.1. Os estudantes e a luta de classes.....	19
2.2. Contexto da época: luta contra o regime militar e o imperialismo.....	21
2.3. Novos elementos: a revolução cultural de 68.....	24
3. O MOVIMENTO ESTUDANTIL DE 2018.....	25
3.1. A visão da velha esquerda sobre a nova.....	25
3.2. UJS.....	30
3.3. Juntos!.....	31
3.4. Todas as Vozes.....	33
4. CONCLUSÃO.....	36
5. REFERÊNCIAS.....	38

1. INTRODUÇÃO

1.1 – O jovem e a política

No discurso político atual, uma característica é comum tanto nas falas institucionais – partidos, Tribunal Superior Eleitoral, políticos eleitos – quanto nas conversas do dia a dia: o jovem tem papel decisivo na mudança da política brasileira. A corrupção, a ineficiência do Estado, a desigualdade social, a pobreza... tudo seria resolvido se o jovem, dono da “nova política”, tomasse as rédeas do poder e implantasse suas ideias modernas contra uma política velha e corrupta.

Um discurso generalista como o mencionado acima traz vários problemas para a análise política e até mesmo para o *forecast* sobre a política futura: *quem* é esse jovem que tomará o poder? O que ele realmente defende? Ele tem algum lado, alguma ideologia?

Outra questão surge quando nos confrontamos com esse tipo de discurso: os “velhos” de hoje, que tanto pedem a presença de jovens na política, não foram os jovens “que mudariam o panorama político” das gerações passadas?

O papel do jovem, portanto, é tratado sempre como algo futuro, que trará consequências para uma hipotética política futura que será salva por meio da ação desses jovens vanguardistas de hoje.

Esses questionamentos simples já criam um ambiente propício para investigações políticas e sociológicas. Em todo o mundo, o papel do jovem na sociedade é tema recorrente de debate na mídia, na cultura e na política.

Em movimentos políticos, a presença do jovem não é recente. Apesar de institucionalizada nos últimos anos como “secretaria da juventude” em diversas legendas, a atuação juvenil em grupos militantes e partidos é reconhecida há tempos. Além disso, se analisarmos as biografias de estadistas, políticos renomados e líderes políticos de diversas ideologias veremos que muitos, se não quase a totalidade, foram ativos em temas políticos desde jovens. Um exemplo brasileiro disso é de Getúlio Vargas, retratado na excelente biografia *Getúlio*, de Lira Neto.

No primeiro volume da obra – *Getúlio 1882-1930. Dos anos de formação à conquista do poder* –, o autor dedica uma boa parte para retratar a fase estudantil do futuro presidente e ditador. Em um capítulo especialmente dedicado para o tema, “4. Após suspirar por uma Dama de Vermelho, Getúlio cai de amores pela militância estudantil (1903-7)”, Lira Neto (2012)

expõe diversas atuações de Vargas no movimento estudantil castilhistas, seja por meio de textos no jornal *A Federação* ou de discursos, como o realizado em memória a Júlio de Castilhos. Nesse caso, fica evidente a ligação entre os anos de estudante de direito e sua formação política. Foi durante essa época que Getúlio passou a articular suas posições, defendê-las em público e buscar proeminência como representante dos gaúchos e como líder de seu partido. Foi, portanto, uma *escola política*.

No livro *O Poder Jovem*, central para este trabalho, Artur José Poerner, após mencionar políticos que foram ativos na militância estudantil, como o governador de São Paulo, o direitista Egydio Martins, escreve logo na introdução:

[...] ou, em outras palavras, que a universidade é, no Brasil, a maior escola de formação de líderes políticos, centro que se moldam as consciências e mentalidades com respeito aos problemas que assoberbam o nosso país;” (POERNER, 1995, p.39)

Para corroborar com seu posicionamento, Poerner (1995) menciona ações da CIA, órgão de inteligência dos Estados Unidos da América, para infiltrar agentes nas universidades brasileiras a fim de estudar e enfraquecer movimentos antiamericanos (POERNER, 1995, p.41). Além de demonstrar que governos estrangeiros tinham noção da importância das universidades, o autor explica que a estrutura estudantil é muito mais livre das amarras e controles estatais, que ocorrem com mais facilidade na “estrutura fascista, (...), copiada dos sindicatos fascistas de Mussolini” do movimento sindical brasileiro (POERNER, 1995, p. 41).

De exemplos de destaque que estão em atividade política na atualidade e que participaram, de um modo ou de outro, do movimento estudantil, podemos listar os ex-presidentes da UNE: Senador José Serra (PSDB-SP), presidente entre 1963 e 1964; Senador Lindbergh Farias (PT-RJ), presidente entre 1992 e 1993; e o Deputado Federal Orlando Silva (PCdoB-SP), presidente entre 1995 e 1997. Outro exemplo que pode ser trazido, apesar de seu falecimento em 2007, é de um político tradicional do outro lado do espectro político, ligado ao *coronelismo*: Antônio Carlos Magalhães. ACM, como era tratado na política, foi ativo no movimento estudantil desde sua época de secundarista, quando foi presidente do Grêmio Estudantil de sua escola¹, até na época de graduando em medicina na Universidade Federal da Bahia (UFBA), quando foi presidente do Diretório Central dos Estudantes (DCE)².

¹ **CONHEÇA A BIOGRAFIA DE ACM.** Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI1700581-EI306,00-Conheca+a+biografia+de+ACM.html>>. Acesso em 09 de junho de 2018.

² **SESSÃO ESPECIAL PRESTARÁ HOMENAGEM IN MEMORIAM A ACM.** Disponível em: <http://www.cms.ba.gov.br/noticia_int.aspx?id=14006>. Acesso em 09 de junho de 2018.

É possível notar que a política estudantil dos universitários é a que alcança mais reflexos na sociedade em geral e também possui maior organização e participação. Muitas causas podem contribuir para isso, mas a mais óbvia é a independência dos jovens universitários, que atingem a maioria, além de muitos passarem a morar em outras cidades ou pelo menos fora da casa dos pais. Poerner identificou que a “rebeldia do jovem” é algo social, mas que possui origem na negação da figura paterna como modelo a ser seguido (POERNER, 1995, p. 42). Além disso, na universidade, o jovem passa a ter contato com ideias, teorias e novos modelos de sociedade. Um aluno de história, por exemplo, passa a ter um contato com uma série de materiais, documentos e teorias sobre a história do Brasil que estão sendo desenvolvidas e só alcançarão o *mainstream* após anos. Nesta linha, ele também terá contato com professores que estão integrados em debates intelectuais ainda restritos, que transitam apenas pelas redes de contato da academia em suas publicações quase *esotéricas* para o mundo exterior.

Sendo assim, este trabalho analisará o movimento estudantil universitário, que, no Brasil, possui uma representação oficial: a União Nacional dos Estudantes (UNE).

1.2 – O universitário e a UNE

O papel da UNE é tão significativo no movimento estudantil que Artur José Poerner divide seu estudo histórico da política estudantil entre antes e depois da criação da instituição³. Segundo ele, só com a UNE os estudantes passaram a ter uma representação unificada, *centralizada*, que poderia coordenar o movimento político estudantil, ordená-lo para, assim, obter o “caráter organizado e de emancipação nacional” (POERNER, 1995, p. 50). O autor pontua, para evitar confundir o leitor, que as atividades políticas dos estudantes não começaram em 1937, ano de criação da UNE. A atuação dos jovens esteve presente na formação política do Brasil e nas lutas emancipatórias, como a da abolição da escravidão (POERNER, 1995, p. 50), mas as “(...)organizações universitárias antes de agosto de 1937...pecavam todas pela transitoriedade, visando apenas problemas específicos e determinados (POERNER, 1995, p. 123).

Não é intuito deste trabalho contar a história dos estudantes na vida política nacional. Poerner (1995) detalha uma série de participações da juventude em diversos movimentos políticos e sociais da história Brasileira. Além da abolição, ele descreve a participação dos

³ O livro O Poder Jovem é dividido entre a Parte 1 – Antes da UNE e a Parte 2 – A Partir da UNE.

jovens na luta republicana; em apoio aos militares no período pós-golpe de 1889; na campanha nacionalista de Olavo Bilac; e em muitos outros casos⁴.

Também não é objetivo deste trabalho detalhar a história da UNE, sua formação⁵ e todas suas ações⁶, mas algumas questões devem contextualizadas.

Em seus primeiros anos, a UNE foi um espaço de embate entre as mais diversas forças políticas que buscavam ocupar a presidência da organização para coordenar todo o movimento nacional. Os comunistas, os socialistas, os direitistas da UDN e outros grupos ideológicos e partidários participavam da disputa. Houve períodos de domínio socialista, como o de 1947 a 1950, com vitórias sucessivas do Partido Socialista (POERNER, 1995, p. 167). A partir de 1950, houve o “Período da Ascensão Direitista na UNE” (POERNER, 1995, p. 169), que se encerrou em 1956, com apenas um ano de vitória da esquerda nesse intervalo de tempo. Poerner, homem de esquerda, critica esse período como uma época de baixa mobilização estudantil e de *quase-entreguismo*, que só não ocorreu em sua totalidade porque os “(...) estatutos da UNE...obrigavam suas direções a lutar pelo nacionalismo e contra o entreguismo” (POERNER, 1995, p. 170) e:

“Os dispositivos estatutários progressistas da UNE é que explicam, portanto, na sua fase de domínio direitista, o prosseguimento da participação – ainda que não muito entusiástica – da entidade na campanha pela criação da Petrobras, bem como a greve do provimento ilegal da cátedra...; e as greves de protesto contra a ineficiências das faculdades a partir de 1954.” (POERNER, 1995, p.170)

Não convém defender ou atacar a posição de Poerner sobre a direita na UNE, mas sim compreender que sua análise confirma três pontos: que a organização possuía legitimidade e adesão dos grupos ideológicos mais diversos, que havia disputa real pela presidência, e que estatutariamente a UNE era progressista.

Após 1956, a UNE passaria por uma “fase de recuperação democrática” (POERNER, 1995, p. 172), pois a direita não conseguiria mais ocupar a presidência da organização e perderia força. Evidente que, mais uma vez, Poerner coloca seu viés esquerdista na descrição dessa nova fase, mas, mesmo assim, é possível avaliar que foi nesse momento que o domínio dos diversos grupos de esquerda intensificou-se a ponto de transformar a UNE numa espécie de *frente ampla* de esquerda, principalmente com a tomada de poder pelos militares em 1964. Hoje, no discurso

⁴ Todos esses temas estão contidos na Parte 1 de O Poder Jovem, de Artur José Poerner.

⁵ O Poder Jovem, Capítulo VI

⁶ O Poder Jovem, a partir do Capítulo VII.

político e no dia a dia das universidades, o termo “movimento estudantil” e a União Nacional dos Estudantes são sinônimos de *esquerda*⁷.

Essa constatação não vem só pela falta de militância estudantil de direita em nível nacional e partidário - o que coincidentemente começou a ocorrer após a instauração do regime militar em 1964 este proibiu, por exemplo a UDN, que congregava diversos setores da direita e possuía uma articulação nacional -, mas também a própria visão dos grupos de esquerda que se veem como detentores do *movimento estudantil* e veem a UNE como um espaço de *debate* apenas entre grupos socialistas, comunistas e revolucionários de todos os tipos⁸.

Para melhor contextualizar esse ponto, é necessário pontuar que as primeiras observações que levaram a definir o tema deste trabalho foram feitas após a minha participação no 55º Congresso Nacional da União Nacional dos Estudantes (CONUNE) como delegado eleito para representar os estudantes da Universidade de Brasília (UnB) pela chapa Libertas.

Anteriormente, houve uma eleição⁹ para distribuir as 47 vagas de delegados de maneira proporcional. A disputa ocorreu entre uma chapa da União da Juventude Socialista (UJS), do PC do B; uma chapa do denominado Campo Popular, formada pelo Levante Popular da Juventude, MST, uma parte da juventude do PT; uma chapa da Oposição de Esquerda, formada pelo Juntos, do PSOL, e pelo RUA – Juventude Anticapitalista; uma chapa da juventude do PSB; uma da JPT, juventude do Partido dos Trabalhadores; e, finalmente, uma formada pelo Movimento Reação Universitária e pelo Distrito Liberal: a chapa Libertas, a única não esquerdista – e abertamente de direita -, enquanto todas as outras são auto definidas como socialistas ou comunistas, e ligadas a partidos.

A chapa Libertas saiu vitoriosa, conseguindo o maior número de delegados: 17. Além do choque de ver uma chapa de direita conseguindo a vitória, os grupos de esquerda utilizaram o mote de que “o movimento estudantil saiu perdendo”, o que indica, mais uma vez, a visão

⁷ A nova diretoria da UNE assumiu em 2017 com intuito de fomentar a luta contra o governo Temer, “contra o golpe”. **UNE ELEGE MARIANNA DIAS NOVA PRESIDENTA**. Disponível em: <<http://www.une.org.br/noticias/une-elege-marianna-dias-nova-presidenta/>>. Acesso em 09/06/2018.

⁸ Uma leitura rápida dos títulos dos temas das atividades revela que tudo estava conectado com debates internos da esquerda. Os políticos e intelectuais convidados eram todos de linha esquerdista. Fonte: **Programação do 55º CONUNE**. Disponível em: <<http://www.une.org.br/noticias/programacao-do-55o-conune/>>. Acesso em 09 de junho de 2018.

⁹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/dce.unb/posts/1391005137673468>>. Acesso em 09 de junho de 2018.

progressista de que só eles representam o estudante, que só eles formam o *movimento estudantil*. Eu e mais 16 estudantes iríamos à Belo Horizonte participar do CONUNE pela Libertas.

Lá a hegemonia das esquerdas na UNE ficou mais evidente: o PC do B possuía mais de 60% dos delegados e formou uma chapa com PT e outros grupos para eleger uma diretoria com 79% dos delegados. PSOL e outros grupos da Oposição de Esquerda obtiveram 14,33%. O PSDB, formado pelos grupos Ação Popular, progressista, e Movimento Franco Montoro, conservador, conseguiu 3%.¹⁰

Durante todo o Congresso foi possível notar alinhamento dos grupos estudantis de esquerda em pautas que nos Estados Unidos da América foram conhecidas como *New Left*: feminismo, temas LGBT, racismo (diagnóstico e formas de combatê-lo), ideologia de gênero, opressões, cristianismo como criador e fomentador de formas diversas de opressão, a defesa irrestrita do *politicamente correto* e a educação básica como elemento transformador e *libertador*. Ao mesmo tempo, as iconografias estampadas em camisetas, *bottons*, bonés, faixas e bandeiras eram todas conectadas ao movimento comunista internacional. Lênin, Stálin, Che Guevara, todos estavam bem representados. Além disso, expoentes da UNE dos anos 60 e 70, principalmente na época durante o Regime Militar, eram considerados heróis e tinham seu “legado de luta” defendido. Honestino Guimarães, por exemplo, era símbolo dos grupos de esquerda contra o autoritarismo da direita¹¹.

Disso, foi possível observar suas características: as esquerdas estudantis de hoje se veem como continuadoras e defensoras do legado das esquerdas do passado, principalmente as ligadas à UNE; há um novo grupo de pautas defendidas, que muitas vezes atacam toda a “sociedade opressora”, incluindo aí a classe trabalhadora, ao lado de discursos nacionalistas a favor das estatais ou da defesa do trabalhador.

Sendo assim, este trabalho analisará grupos de esquerda dentro do movimento estudantil devido a essa característica de continuidade ao longo do tempo. Com isso, conseguiremos comparar dois momentos históricos desses grupos: os anos 60, 1968 como um marco transformador, e os anos 2010, com 2018 sendo 50 anos depois.

¹⁰ **UNE elege Marianna Dias nova presidenta.** Disponível em: <<http://www.une.org.br/noticias/une-elege-marianna-dias-nova-presidenta/>>. Acesso em 09 de junho de 2018.

¹¹ “Durante a plenária final foi aprovado também por unanimidade o reconhecimento do 31º Congresso Nacional da UNE, realizado em 1971, que elegeu o mártir estudantil Honestino Guimarães presidente da entidade. Desta maneira, agora o próximo congresso da UNE será o de número 57.” (**UNE elege Marianna Dias nova presidenta.** Disponível em: <<http://www.une.org.br/noticias/une-elege-marianna-dias-nova-presidenta/>>. Acesso em 09 de junho de 2018.

O objetivo é estudar as pautas defendidas em cada época, a visão sobre as classes, a postura perante a sociedade brasileira, o papel dos estudantes nas conjunturas e a relação deles com a realidade nacional.

Por meio da revisão bibliográfica de textos sobre o papel dos estudantes na política nacional dos anos 60 e suas ações perante o Regime – estende-se até os anos 70 por causa da continuidade do período de governo militar, o que trazia os mesmos desafios para os grupos de esquerda. Ao mesmo tempo, será possível estudar *em nome de quem* os estudantes estavam agindo e para qual objetivo. Será que naquela época eles viam a sociedade inteira, os trabalhadores inclusos, como propagadores conscientes de ideologias opressoras ou os trabalhadores eram vítimas da ideologia burguesa e da “ação imperialista dos norte-americanos”?

Para estudarmos os anos recentes, a UNE serve como a organização que concentra todos os grupos socialistas e comunistas que possuem força na política estudantil. Pode-se listar: a União da Juventude Socialista (UJS), do PC do B; A JPT, do Partido dos Trabalhadores, e grupos minoritários dentro do partido; o JUNTOS!¹², do PSOL. Evidente que a análise não excluirá outros grupos que contribuem para a esquerda universitária, mas focará nos dois mais relevantes e com mais presença nas universidades: a UJS e o JUNTOS!, que conseqüentemente são grupos partidários das duas legendas de esquerda mais influentes na UNE.

O foco da análise da política estudantil contemporânea será nas pautas defendidas pelos grupos e seus objetivos com relação à transformação da sociedade brasileira. Como já mencionados, os temas da *new left* estão em voga no momento e serão analisados em cada justificativa e em cada defesa específica desses pontos para a realidade brasileira.

Ao mesmo tempo, principalmente por causa do impeachment que Dilma Rousseff sofreu, convém analisar a retórica do “golpe de Estado de 2016” sua relação com a teoria de classes marxista e as pautas identitárias¹³. Essa utilização do conceito de golpe para descrever a cassação de Dilma traz analogias com a situação de 1964. Sendo assim, é necessário buscar

¹² Na UNE, o Juntos! compõe a “Oposição de Esquerda”, grupo que tenta combater a hegemonia da UJS na entidade.

¹³ Neste trabalho, utilizaremos o termo “pautas identitárias” em referência aos temas como feminismo, movimento negro, LGBT, etc. Esses termos advêm do uso das esquerdas norte-americanas do termo *identity politics*, que caracteriza a sociedade em grupos “de identidade” e “de diversidade”, não mais por classes econômicas e suas relações com as formas de produção.

as relações que a esquerda traça entre essas duas épocas e seus efeitos para a sociedade brasileira.

1.3 - Hipótese

Este trabalho parte da hipótese de que a esquerda jovem, estudantil, que é *avant garde* nas questões culturais, morais e sexuais, está utilizando conceitos, análises e estruturas criados pela sociologia norte-americana, focada nas estruturas sociais e históricas de sua própria sociedade. Diferentemente das ideias socialistas e comunistas dos anos 60, os conceitos atuais que vêm de fora estão sendo importados sem nenhuma adaptação para a realidade brasileira e estão suplantando as antigas bases analíticas utilizadas pela esquerda brasileira.

Diferentemente do que ocorreu nos Estados Unidos da América, a esquerda brasileira formulou diversas análises e teorias a partir do estudo das estruturas de classes na história nacional, o que agora estão sendo alteradas e subjugadas por visões do *american liberalism*, que parte do estudo dos grupos minoritários, dos majoritários, das “formas de opressão” destes sobre aqueles, e de parâmetros liberais como vontade individual acima de conceitos coletivos e de classe – tudo isso, evidente, no contexto norte-americano. Essa visão vai de encontro à visão histórica marxista clássica, que “Até hoje, a história de toda sociedade é a história das lutas de classes.” (MARX, 2012, p. 45). Além disso, há uma oposição entre a visão de que as classes são formadas de acordo com suas relações opostas com os meios de produção (MARX, 2012, p. 53), e o objetivo é destruir a estrutura para trazer uma sociedade justa e sem desigualdades (MARX, ENGELS, p. 58); e a visão *american liberal* de que a opressão sofrida pelos grupos identitários advém de sua exclusão do capitalismo, e para superar essa desigualdade, eles devem ser integrados nas formas de produção capitalistas, por meio de cotas, *affirmative actions*, nos mais diversos setores da sociedade¹⁴. Ora, no caso brasileiro, jamais seria possível imaginar colocar um homem trabalhador – do campo ou da cidade – como elemento opressor dentro de uma sociedade em que a vítima dessa mesma opressão seria uma mulher burguesa, que teria como expressão máxima de sua condição de oprimida não conseguir ocupar um cargo de CEO numa multinacional.

¹⁴ A esquerda americana, evidentemente, debate as políticas identitárias e sua relação com conceitos marxistas clássicos. Na revista socialista Jacobin, Roger Lancaster, professor da George Mason University, escreveu um artigo em que tenta analisar os limites dessa visão sociopolítica e como a esquerda deveria ir além e pensar numa política universalista. LANCASTER, Roger. *Identity Politics Can Only Get Us So Far*. Disponível em: <<https://www.jacobinmag.com/2017/08/identity-politics-gay-rights-neoliberalism-stonewall-feminism-race>>. Acesso em 09 de junho de 2018.

Essas pautas não são adaptadas ao Brasil nem são colocadas como novos parâmetros para a análise dos problemas nacionais, mas sim aparecem como receituários prontos, traduzidos – algumas vezes porcamente – e são lançados à sociedade brasileira como críticas e soluções que devem ser seguidas sem questionamento. Até os anos 70, mesmo com modelos de regimes comunistas servindo como exemplo para ação dos grupos de esquerda, havia um debate sério na intelectualidade, que buscava compreender profundamente as raízes dos problemas nacionais¹⁵. Além disso, os modelos de tomadas de poder pelos comunistas eram estudados e, se fossem aplicados, adaptados à realidade brasileira. Caso fossem aplicados sem estudo profundo, acabariam indo de encontro às estruturas sociopolítica e econômica do Brasil. O intelectual Jacob Gorender, por exemplo, em sua obra *Combate nas Trevas*, critica o “foquismo castro-guevarista”: conceito de focos de guerrilha utilizados em Cuba. Essa importação para a realidade brasileira de um conceito estrangeiro sem levar em conta as diferenças estruturais tanto territoriais quanto sociais causou graves problemas e derrotas contra os militares. (GORENDER, 1987, pp. 198 a 214)

Para confirmar ou não essa hipótese, convém buscar elementos da existência de autoconsciência da militância estudantil sobre essa questão e de como isso é tratado perante a situação brasileira atual. É comum ouvir discursos de políticos do PT, do PSOL e do PC do B sobre o “entreguismo” e políticas anti-trabalhador do governo de Michel Temer. Haveria, portanto, discursos semelhantes das lideranças dos estudantes? Se sim, como isso se relaciona com os conceitos da *identity politics*?

Outro meio de confirmação é buscar falas, textos e posicionamentos de figuras clássicas da esquerda sobre a situação atual dos debates partidários e intelectuais. Se essas pessoas percebem, ou não, que há diferenças entre o que é defendido hoje pelos grupos militantes e como isso se encaixaria na visão *esquerdista* de mundo.

Para finalizar esta introdução, é necessário pontuar que não haverá nenhum tipo de julgamento dessas pautas, nem comparação de qualidade entre a *new left* e a *old left*, se o marxismo clássico é melhor ou pior que o *american liberalism*, ou se a esquerda está correta ou errada em defender essas ideias. A questão principal é buscar semelhanças e diferenças nas atuações dos mesmos grupos em duas épocas diferentes para entender o que mudou, como

¹⁵ Exemplos: Caio Prado Jr. Era intelectual do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e fez diversos estudos sobre as origens econômicas e sociais do Brasil. Uma discussão muito forte na época entre os comunistas era sobre o Brasil ter passado, ou não, por uma estrutura socioeconômica feudal, além de ter atingido, ou não, o estado capitalista; Sérgio Buarque de Holanda, intelectual que estudou a fundo as origens do Brasil, foi um dos pensadores que fundaram o PT.

mudou e como isso afeta a esquerda brasileira no momento e como isso afetará num futuro próximo.

2. O MOVIMENTO ESTUDANTIL DOS ANOS 60

Este trabalho não objetiva traçar uma linha temporal das ações do movimento estudantil nas décadas de 60 e 70, nem defender ou criticar suas ideias, práticas e militâncias. Várias obras, utilizadas como base bibliográfica para este estudo, buscam catalogar os grupos e suas respectivas participações nas diversas lutas das organizações de esquerda contra o Regime Militar. A partir delas, buscaremos entender, neste capítulo, a posição dos estudantes frente ao conceito de luta de classes, às próprias classes e aos movimentos de esquerda da época.

2.1. Os estudantes e a luta de classes

Os estudantes formam uma classe social? Os estudantes representam alguma classe?

Questões básicas como essas acima são temas recorrentes nos estudos sobre o movimento estudantil brasileiro. Em *Movimento Estudantil e Ditadura Militar*, João Roberto Martins Filho dedica o primeiro capítulo para analisar a figura do estudante no contexto do movimento estudantil e em relação aos conceitos de classe. As preliminares teóricas, título do capítulo, seriam essenciais para o entendimento do papel dos universitários nas lutas da esquerda antes da ditadura e durante ela.

Primeiramente, o autor pontua que há uma construção mitológica sobre o estudante, que é sempre descrito como um revolucionário, principalmente nos depoimentos das antigas lideranças universitárias, que sempre definem a UNE e outros movimentos como aliados do povo, sempre com “compromisso com as forças populares” (MARTINS FILHO, 1987, p. 16). Para ir além essa auto-definição feita recorrentemente pelos ex-líderes, Martins (1987) busca comparar visões externas sobre a natureza dos estudantes e sua relação com as outras classes.

Segundo ele, autores sempre pontuaram que os estudantes possuem uma tendência a radicalização por causa da sua natureza, sua “condição estudantil” de “intelectual em formação”, devido ao contato dos estudantes com ideias e visões encontradas na universidade (MARTINS FILHO, p. 21). Martins (1987) menciona Álvaro Vieira Pinto e José Chasin como defensores dessa visão. O primeiro:

(...)um dos mais conhecidos teóricos nacionalistas da esquerda, defende que os estudantes constituem os únicos agentes não comprometidos com o caráter de classe da sociedade brasileira. (...), este autor atribui às “qualificações intelectuais” do jovem universitário a sua identificação “necessária” com as forças sociais “ascendentes”. (...) caberia aos estudantes um papel, que ele chama de “natural”, de vanguarda das classes

populares – em outros termos, uma função “revolucionária”. (MARTINS FILHO, 1987, p. 21)

O segundo, Chasin, trabalha com conceitos semelhantes e atribui à formação intelectual a abertura de perspectiva para uma “atuação revolucionária”. (MARTINS FILHO, 1987p. 21)

Outro autor com visão alinhada a essas trazidas acima seria Rui Mauro Marini, que aponta a condição dos estudantes latino-americanos como elemento formador da “consciência radical”. As “contradições vividas pelo estudante latino-americano” e as “dificuldades de integração” trariam o comprometimento do estudante com mudanças estruturais da sociedade e a identificação com o “polo social explorado”. Assim, o estudante passaria a ser um “setor específico do movimento revolucionário”. (MARTINS FILHO, 1987p. 22)

Em O Poder Jovem, Artur José Poerner (1985) contextualiza a universidade como ambiente “formação de líderes” (POERNER, 1995, p. 39), o que traz um caráter político além do puramente “intelectual”. Sendo assim, há uma concordância de que o estudante está em um período de construção de sua ação política, cultural e social.

Em busca do “conteúdo de classe” do movimento estudantil, Martins (1987) pontua que o grupo social majoritário que forma o grupo “universitários” é a classe média. (MARTINS FILHO, 1987, p. 23). Devido a expansão do ensino superior na década de 50, a classe alta deu lugar à classe média como grupo dominante no meio universitário:

Esse jovem estudante de classe média define-se socialmente enquanto categoria pelas relações de manutenção e de dependência que mantém com sua família, expressão mais evidente de sua situação de classe. Ao lado disso, na constituição da categoria estudantil, o trabalho desempenhado em tempo parcial configura também um elemento de fundamental importância. (MARTINS FILHO, 1987, p. 24)

Ao mesmo tempo, portanto, o estudante de classe média estaria compromissado com o projeto familiar, “o papel de continuador da história da família” (MARTINS FILHO, 1987, p. 24), e com sua integração no sistema capitalista, que começa por meio do trabalho parcial, que o integra ao “sistema como agente de classe”. (MARTINS FILHO, 1987, p. 25). Martins esclarece que esse trabalho não transforma o estudante em proletário e não elimina o “conteúdo de classe definido” de sua posição social como classe média, que está destinada a ter um “papel de reprodução da hierarquia social” (MARTINS FILHO, 1987, p. 26).

É essa relação com as contradições com a própria classe e suas ambições determinadas pela sociedade que cria o radicalismo estudantil. Segundo Martins: “Na origem do radicalismo

do estudante estariam os ressentimentos e as aspirações frustradas da classe média ascendente”. (MARTINS FILHO, 1987, p. 27)

Poerner também descreve o universitário como um privilegiado, que busca “desesperadamente, apagar todos os vestígios de sua condição de privilegiado na sociedade brasileira” (POERNER, 1995, p.42). Há aí, portanto, uma autoconsciência do estudante com relação ao seu posicionamento social e também a busca de seguir um modelo proletário, que é a classe responsável pela revolução.

Segundo Poerner, o estudante também busca rejeitar os valores de sua classe e não seguir o papel do “pai “quadrado”, e tacanho, que tem por Deus o dinheiro, por diabo o comunismo e por bíblia o vespertino *O Globo*” (POERNER, 1995, p. 42). Nisso, Poerner introduz também um conceito de “conflito de gerações”, que também alimenta os sentimentos de contradição entre o papel do estudante como participante da revolução e suas aspirações como classe média.

Com isso, e as bases intelectuais advindas da universidade, os estudantes tenderiam a expressar “o objetivo pequeno-burguês de liderar o processo revolucionário” (MARTINS FILHO, 1987, p. 29). Essa aliança entre classes mantém o *caráter de classe* do movimento estudantil (MARTINS FILHO, 1987, p. 28).

Ao final do capítulo, João Roberto Martins Filho comenta sobre a importância de analisar a heterogeneidade dos setores médios, o que impede um comportamento unitário da classe (MARTINS FILHO, 1987, p. 31). Para estudar esse fator, é necessário trazer a conjuntura sociopolítica e “a maneira pela qual se [os setores médios] articulam e se opõem à prática política burguesa e à prática política operária, de seus problemas e de suas tensões” (SAES, Classe média e sistema político, p. 18, apud MARTINS FILHO 1987, p. 31).

2.2. Contexto da época: luta contra o Regime Militar e o Imperialismo

Seguindo a linha adotada por Martins (1987) de estudar também a conjuntura do país para compreender como os estudantes se posicionam politicamente, não há como evitar a importância do combate ao Regime Militar para todas as organizações de esquerda dos anos 60 e 70.

As posições dos movimentos estudantis frente ao Regime definem a posição dos estudantes com relação aos “setores populares”. Na visão da esquerda, a tomada de poder pelos

militares foi uma expressão da revolta das classes dominantes contra os interesses das classes populares e seus movimentos (MARTINS FILHO, 1987, p. 75).

Logo nos primeiros dias após a tomada de poder pelos militares, houve combate direto a movimentos estudantis, ataques e ações em universidades mais “politizadas” e destruição da sede da UNE, que já era considerada como símbolo de “esquerdismo” pelos setores conservadores (MARTINS FILHO, 1987, p. 82):

A repressão à Universidade e às organizações estudantis no imediato pós-golpe deve ser entendida como um capítulo da ofensiva geral das forças golpistas contra o movimento popular e os meios sociais onde a política populista encontrara mais respaldo. (MARTINS FILHO, 1987, p. 83)

Como ações de longo prazo, os militares visaram destruir a UNE para colocar em seu lugar uma entidade de representação subordinada ao Estado, como os sindicatos, elementos integrantes do Ministério do Trabalho e controlados por ele. (MARTINS FILHO, 1987, p. 84)

Como visto acima, havia consciência do papel do movimento estudantil na política de esquerda, além da autoconsciência dos estudantes de sua ligação com “setores populares” vítimas do golpe.

Além do caráter repressivo do novo governo, Poerner (1995) coloca a influência americana na educação brasileira como outro fator relevante. Segundo ele, o acordo MEC-USAID, era mais um esforço americano para controlar a educação brasileira. (POERNER, 1995, p. 216). Entretanto, havia oposição a essa influência no MEC, que era “ainda dominado, então, pela máquina getulista, em que prevalecia o nacionalismo” (POERNER, 1995, p. 217).

A oposição entre interesses nacionais e a ação influenciadora dos EUA era um ponto convergente no pensamento de esquerda da época, que coloca o regime militar como agente subalterno aos Estados Unidos da América. Segundo Poerner:

A política de repressão estudantil que sucedeu ao golpe militar deve, pois, ser entendida como parte de um vasto plano de comprometimento das resistências à desnacionalização do ensino e de preparação da opinião pública para a digestão do crime, despistando-a, ao pretender identificar, com os “subversivos”, a luta pela integração do ensino aos interesses nacionais. Surgem, dessa forma, os acordos federais com os Estados Unidos. (POERNER, 1995, p. 219)

Dentro dessa descrição de um projeto de “desnacionalização do ensino”, a Universidade de Brasília era vista como símbolo que representava oposição direta aos interesses americanos.

Em “A Rebelião dos Estudantes”, Antonio de Padua Gurgel faz um apanhado histórico da oposição realizada pelos estudantes, professores e intelectuais da Universidade de Brasília ao Regime Militar, e as ações tomadas por este par reprimir esses atos. O alinhamento antiamericano, ou anti-imperialista, também ocorria entre toda a esquerda por meio de símbolos aglutinadores, como o “símbolo da juventude revolucionária” (GURGEL, 2002, p. 60), que passou a ter sua foto exibida em todas as reuniões e espaços estudantis como ícone da resistência, principalmente, após a sua morte.

No contexto da UnB, Honestino Guimarães¹⁶, líder estudantil, foi detido na UnB e depois não mais retornou, integrando a lista de centenas de desaparecidos. Honestino passou a ser considerado mártir e símbolo de resistência contra a direita.

Pelos elementos apresentados anteriormente, um alinhamento com outros setores e grupos anti-ditadura era natural. Os estudantes compunham uma parcela do movimento esquerdista da época e estavam integrados à luta “pelos interesses nacionais” contra o regime que representava o direitismo e o imperialismo *yankee*.

Em dezembro de 1968, o Regime Militar adotou o Ato Institucional Nº 5, o AI-5¹⁷, que trouxe uma série de novas proibições e passou a ser um elemento de aprofundamento do autoritarismo do regime. O movimento estudantil foi duramente atingido pelas proibições de livre associação, de livres manifestação e reunião de natureza política; por uma série de fechamentos de centros acadêmicos, DCEs e espaços políticos nas universidades; e por uma série de prisões e perseguições.

Um processo de liberalização ou de fortalecimento da oposição legal foi interrompido, o que colocou muitos estudantes de esquerda na luta armada (POERNER, 1995, p. 297). Assim, uma parcela do movimento estudantil passou a integrar grupos de luta armada, principalmente por causa das influências das ideias de Che Guevara com relação à estratégia revolucionária em países da América Latina (MARTINS FILHO, 1987, pp. 191 e 194).

¹⁶ O Diretório Central dos Estudantes da UnB foi nomeado “DCE Honestino Guimarães” em homenagem ao líder estudantil.

¹⁷ Versão Oficial do Ato Institucional Nº 5, de 13 de dezembro de 1968. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-05-68.htm>. Acesso em 09 de junho de 2018.

2.3. Novos elementos: a revolução cultural de 68

Apesar da escolha da luta armada por segmentos da esquerda nacional, inclusive setores estudantis, em oposição direta a uma estrutura política autoritária, houve também uma luta diferente contra um autoritarismo que não se manifestava apenas como forma de regime político, mas sim como uma série de valores, normas sociais, normas de comportamento, estigmas, e outros fatores que podemos definir em conjunto como “culturais”.

O ano símbolo dessa luta cultural é 1968, que na França e nos EUA foi um ano repleto de manifestações da juventude contra temas políticos e sociais. No artigo O Ano Mágico, Daniel Aarão Reis define 1968 como “o ano mágico”:

[...] um redemoinho de imagens atravessando a neblina do tempo. Um mundo em movimento, conflitos, projetos e sonhos de mudanças, gestos de revolta, lutas apaixonadas: revolução nos costumes, na música, nas artes plásticas, no comportamento e nas relações pessoais, no estilo de vida e nas tentativas novas não só de derrubar o poder vigente, mas de propor uma relação diferente entre a política e a sociedade. (REIS FILHOS, 2008, p. 19)

No caso brasileiro, o Regime Militar representava uma expressão de uma sociedade atrasada, conservadora, retrógrada. A luta contra os valores que sustentavam essa sociedade opressora, não só brasileira, mas ocidental. Em “1968 – O ano que não terminou”, Zuenir Ventura comenta que defensores dos valores de 68 definem o ano como “o ano zero de uma nova modernidade” (VENTURA, 1988, p. 12). As manifestações dos estudantes franceses passaram a ser um momento divisor de águas no mundo ocidental: símbolo de uma juventude que “(...) se acreditava política e achava que tudo devia se submeter ao *político*: o amor, o sexo, a cultura, o comportamento”. (VENTURA, 1988, p. 16). O Brasil também estava integrado a essas mudanças (VENTURA, 2013, pp. 37 a 42) e:

A moda – ou a vida que “pregava” essa geração de jovens mulheres entre 20 e 30 anos – consistia em questionar os valores institucionais que davam sustentação ao que chamavam com desdém de “casamento burguês”: a monogamia, a fidelidade, o ciúme, a virgindade. (VENTURA, 1988, p. 29)

O Brasil, portanto, estava recebendo influências internacionais no campo da cultura que não eram vistas como “ação imperialista”, como o acordo MEC-USAID ou as visões anti-soviéticas. Esses novos elementos não estavam ainda difundidos pela sociedade ou em movimentos de esquerda.

3. O MOVIMENTO ESTUDANTIL DE 2018

3.1. A visão da velha esquerda sobre a nova

O interesse de pesquisar o tema tratado neste trabalho surgiu, como descrito na introdução, após meu contato direto com movimentos de esquerda na política estudantil a partir de 2016. Eleições internas na UnB, disputa por espaços, manifestações, agressões sofridas por estudantes¹⁸, e a participação na UNE compuseram um compilado de experiências que me levou a notar as particularidades de cada movimento. Além dessa percepção pessoal e, possivelmente, momentânea, posicionamentos de políticos e intelectuais de esquerda passaram a confirmar, mesmo que parcialmente, minhas visões sobre o tema.

Em meados de 2016, durante uma série de buscas de opiniões e textos de membros do PT sobre a situação política do Brasil e o papel do Partido dos Trabalhadores na conjuntura política – nesse período, Dilma estava afastada após abertura do processo de impeachment. Valter Pomar¹⁹, intelectual e militante petista, ex-Secretário de Relações Internacionais do PT, e professor de Relações Internacionais da UFABC, realizava análises constantes²⁰ e participava de inúmeros debates. Um em especial chamou minha atenção.

Valter Pomar participou de uma conversa com militantes no Teatro Kuringa, na Alemanha, em maio de 2016, pouco mais de um mês após a aceitação do impeachment pela Câmara dos Deputados. Após realizar sua fala, os presentes fizeram diversos questionamentos ao ex-membro da direção do PT. Algumas questões criticaram o posicionamento firme de Valter contra algumas ações do governo Dilma. Segundo os participantes, Valter, ao criticar a ex-presidente, foi misógino, já que não trouxe para a análise o fato de Dilma ter sido vítima de misoginia por parte da oposição, que não quis dialogar com uma mulher²¹. Nas respostas, Valter

¹⁸ **Vídeo: Manifestação de apoio à monarquia termina em porrada na UnB.** Disponível em: <<https://www.metropoles.com/distrito-federal/video-manifestacao-de-apoio-a-monarquia-termina-em-porrada-na-unb>>. Acesso em 16/06/2018.

Apenas para esclarecer alguns fatos, a manifestação era em oposição à possibilidade de greve que grupos queriam realizar na UnB. O estudante monarquista, até então desconhecido por todos, apresentou uma bandeira do império brasileiro e foi agredido. Após isso, o Movimento Reação Universitária – do qual eu era presidente na época – acompanhou o estudante até a polícia onde foi feito um boletim de ocorrência.

¹⁹ Além de ter posição importante na estrutura petista e já ter sido Secretário-Executivo do Foro de São Paulo, Valter Pomar vem de família com histórico comunista: seu pai, Wladimir Pomar, é um intelectual de esquerda, fundador do PT; seu avô, Pedro Pomar, militante comunista a partir da década de 1930 e um dos fundadores do Partido Comunista do Brasil.

²⁰ Blog pessoal de Valter Pomar: <<http://valterpomar.blogspot.com/>>. (Acesso em 14/06/2018).

²¹ POMAR, Valter. In **Fala de Valter Pomar no Teatro Kuringa/Alemanha – Maio 2016 – parte 03.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JkhHgCsRTbA&t=62s>>. Acesso em 09 de junho de 2018. Praticamente todo o vídeo traz questionamentos sobre a misoginia, inclusive com referências aos membros dos petistas.

defendeu que essa questão faz parte do contexto, mas que não é o fato que fundamentou a crise petista. Segundo ele, o fator mais importante foi a ação do governo em implantar políticas econômicas que afetaram a classe trabalhadora a ponto de fazer o PT perder apoio dessa sua base histórica: “o miolo da derrota está no fato da gente ter, a partir de 2015, adotado uma política econômica que fez a gente perder o apoio da classe trabalhadora. O resto todo era suportável, isso era insuportável”.²² Houve também uma fala que insinuou que Valter Pomar tinha cometido um erro histórico ao *desmerecer* o movimento negro no Brasil e não ampliar o conceito de classe trabalhadora “para além do euro-centrado”²³.

Esse choque entre conceitos ficou evidente durante toda a participação de Valter nesse debate, que voltou a defender sua posição de que não adianta apenas fazer a mobilização democrática, dos grupos minoritários, de negros, mulheres, LGBT, sem a mobilização da classe trabalhadora contra os ataques aos direitos sociais feitos pelo governo de Michel Temer²⁴. Fica evidente que na visão do intelectual petista, que só a classe trabalhadora é capaz de mobilização suficiente para derrubar um governo e que os outros grupos podem integrar essa luta – Valter vê isso como algo positivo e importante -, mas não ser o instrumento de mudança efetivo.

No início de 2017, em seu blog, Valter Pomar, ao ver na militância petista uma série de problemas de desconhecimento de conceitos básicos da luta política, escreveu um texto que é uma aula de marxismo chamado O Vocabulário da Luta. Nele, Valter descreve vários conceitos básicos que devem ser de conhecimento de todos os militantes de esquerda. A linha que Pomar utiliza é marxista, chamada por muitos de “marxismo clássico”, que contém poucos termos da *new left*. O termo LGBT não aparece. As palavras “negro”, “racismo” e “indígenas” aparecem uma vez. “Mulher” aparece duas vezes, no contexto de serem mulheres da classe trabalhadora. O parágrafo abaixo é o único referente a esses termos:

Aqui se faz necessário compreender a força do hábito (“sempre foi e sempre será assim”), o papel do racismo (“naturalizando” a inferioridade de um setor social frente a outro), o papel das religiões oficiais (definindo hierarquias e estimulando o conformismo), o papel da cooptação (confrontar africanos escravizados contra indígenas, brancos pobres contra escravizados negros, trabalhadores locais contra

²² POMAR, Valter. In **Fala de Valter Pomar no Teatro Kuringa/Alemanha – Parte 04**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=c3FkiNKdOIM>>. (14min a 14min30s). Acesso em 14 de junho de 2018.

²³ POMAR, Valter. In **Fala de Valter Pomar no Teatro Kuringa/Alemanha – Parte 3**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JkhHgCsRTbA&t=62s>>. (2min52s a 4min20s). Acesso em 14 de junho de 2018.

²⁴ POMAR, Valter. In **Fala de Valter Pomar no Teatro Kuringa/Alemanha – Parte 4**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=c3FkiNKdOIM>>. (17min30s a 18min40s). Acesso em 14 de junho de 2018.

migrantes, trabalhadores homens contra mulheres etc.), o papel do medo (inclusive o medo da fome).²⁵

Os conceitos de “escravidão” e “sociedade escravista” aparecem como integradas na análise sobre os modos de produção que existiram na história mundial e, especificamente, na brasileira. Assim, é possível perceber como Valter Pomar baseia sua análise em conceitos puramente marxistas, relacionados ao modo de produção e consequente surgimento de tipos diferentes de classes:

Falamos em modo de produção comunista primitivo, modo de produção escravista, modo de produção feudal e modo de produção capitalista exatamente para deixar claro qual a relação de produção que predomina (e, por decorrência, que tipo de cooperação/subordinação/conflito predomina).^{26 27}

Tudo, portanto, está integrado na história da luta de classes, que é “a história de toda a sociedade” (MARX, ENGELS, 2012 p. 44).

Poucos meses depois, em setembro de 2017, um fato abalou a esquerda nacional e trouxe mais indícios de que havia uma mudança ideológica em segmentos da esquerda: a saída de Aldo Rebelo do Partido Comunista do Brasil após 40 anos de militância.

Em 26 de setembro, o PCdoB divulgou nota em que comentou a desfiliação do ex-ministro. Nela, o partido faz defesa de alguns de seus princípios como justificadores de sua existência e de seu valor no campo da esquerda: “A centralidade da luta por um novo projeto nacional de desenvolvimento, soberano, democrático e popular – eixo estruturante de nosso programa e caminho para transição ao socialismo (...)”²⁸. O partido também coloca que a relação com Aldo será alterada, mas poderá convergir “em torno da defesa da Nação e da classe

²⁵ POMAR, Valter. **O Vocabulário da Luta**. Disponível em: <<http://valterpomar.blogspot.com/2017/01/o-vocabulario-da-luta.html>>. Acesso em 14 de junho de 2018.

²⁶ Idem

²⁷ Convém pontuar que nas próximas partes (05, 06 e 07) do debate em que Valter Pomar participou na Alemanha há novas perguntas referentes ao papel das mulheres e, principalmente, dos negros na luta política. Há mais divergência entre as visões ideológicas e do papel das classes, e na parte final até um desentendimento entre Valter e participantes sobre essas questões. Uma participante argumenta que o conceito de classes (e a classe operária) não é suficiente para analisar a sociedade brasileira do século XXI e que é impossível pensar o Brasil sem discutir o racismo, os LGBTs e as mulheres. In **Fala de Valter Pomar no Teatro Kuringa/Alemanha – Maio 2016 – parte 05**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XO-5C4z_0Xo>. (A partir de 21min20s). Acesso em 14 de junho de 2018.

²⁸ **PCdoB emite nota sobre desfiliação de Aldo Rebelo**. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/302398-1>>. Acesso em 15 de junho de 2018.

trabalhadora”²⁹. É possível notar que o posicionamento do PCdoB utiliza apenas conceitos nacionalistas e de luta de classes, alinhados com o que foi demonstrado no capítulo anterior.

Entretanto, em outubro, Aldo Rebelo deu uma entrevista ao *site* GaúchaZH, do grupo RBS, em que comenta rapidamente sobre sua saída do PCdoB e se tinha deixado de ser comunista após essa desfiliação. Aldo respondeu:

Não (risos). Isso foi o tempo, foram 40 anos de vida partidária e em torno da agenda, nós tivemos diferenças, divergências sobre as três questões que são importantes para o país: social, nacional e democrática. Aí nasceram as diferenças. Eu entrei no partido nos anos 70. A agenda era outra, a vida era outra, talvez eu tenha ficado muito antigo para as agendas modernas de hoje.³⁰

Essa fala de Aldo Rebelo traz luz ao tema deste trabalho e reforça a tese de que há diferenças significativas entre as pautas da esquerda das décadas de 60 e 70 com a esquerda de 2018. O ex-ministro evidencia a separação entre as épocas quando se coloca como representante do “antigo” contra o “moderno”.

Esse ponto foi reforçado por Aldo em outra entrevista³¹, agora em maio de 2018, para a agência de notícias inglesa BBC. Quando questionado sobre as motivações que o levaram a sair do PCdoB, Aldo define o que na outra entrevista ficou apenas como “agendas modernas”: “As agendas identitárias e o multiculturalismo passaram ter muito mais importância. Isso me levou a um afastamento dessa esquerda moderna, do politicamente correto.”³² Em outra parte da entrevista, quando confrontado com a possibilidade de não ser mais de esquerda, o ex-ministro a faz, mais uma vez, a separação entre “antigo” e “moderno”. Segundo ele, a agenda antiga contém “defesa da nação, a retomada do crescimento, do desenvolvimento, a redução das desigualdades, a luta pela democracia (...)”³³, e:

Então, nesse sentido da agenda antiga, eu posso me considerar um homem de esquerda. Do ponto de vista da esquerda moderna, onde as prioridades são outras, deixo para a ciência política definir.³⁴

²⁹ Idem

³⁰ **Aldo Rebelo conta por que saiu do PCdoB: “Talvez eu tenha ficado antigo”**. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/columnistas/carolina-bahia/noticia/2017/10/aldo-rebelo-conta-por-que-saiu-do-pcdob-talvez-eu-tenha-ficado-antigo-cj8jarqvs00xb01mq96fznc9r.html>>. Acesso em 16 de junho de 2018.

³¹ **Esquerda trocou causas nacionais por defesa do ‘politicamente correto’, diz Aldo Rebelo**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44090858>>. Acesso em 16 de junho de 2018.

³² Idem

³³ Idem

³⁴ Idem

Além de reforçar a separação, Aldo coloca que as prioridades da esquerda moderna são outras, alinhadas a conceitos multiculturais e identitários.

Por fim, um outro membro da esquerda que separa as pautas da esquerda entre modernas e antigas é Rui Costa Pimenta, presidente do Partido da Causa Operária. Durante uma de suas análises semanais, Rui foi questionado sobre a diferença entre “partidos operários” e “partidos pequeno-burgueses”. Ele colocou o PCO como representante da classe operária, que defende o pobre e é apoiado majoritariamente por pobres. Já os outros partidos, como PSOL, focam em questões como feminismo, homossexuais, do negro “num sentido muito pequeno-burguês” e drogas.³⁵ Sobre a composição social desses outros partidos, Rui diz que “a maioria deles são grupos universitários, são da elite universitária do país...eles não conseguem ultrapassar essa barreira de classes. Eles não conseguem ter empatia com a população pobre”. Em um exemplo, o presidente do PCO comenta sobre o problema que seria levar o combate à “linguagem homofóbica” aos bairros operários. Sobre a organização dos partidos e seus costumes, Rui faz um comentário crítico ao estilo “centro-acadêmico” dos partidos de esquerda:

“Nós somos um partido organizado. Esse negócio de “partido centro-acadêmico”, com as paredes todas riscadas, com uma mão na parede e um pé embaixo, não é coisa do PCO. Isso não é costume de operário, operário são mais organizados. (...). Eu militei...com a oposição sindical metalúrgica de São Paulo e nunca vi esses hábitos de centro acadêmico, eles eram muito organizados. (...) as sedes eram limpas, eram organizadas (...). Agora, você vai na sede desses partidos de esquerda é só cara fumando maconha, a parede todo suja, riscada...isso aí é movimento *hippie*.... Na cabeça do pequeno-burguês isso aí é popular, mas isso não é verdade. (...) Revolução é negócio sério, não será feita por meia dúzia de *hippies*. ”³⁶

Pelas falas de Rui Costa Pimenta, é possível entender que ele compreende as diferenças entre comportamento de grupos operários e de grupos pequeno-burgueses (estudantes como exemplo utilizado) por meio das diferenças de classes, que chega ao ponto de criar um fosso entre os grupos e uma percepção errada do que é “ser pobre” pelos estudantes.

Para compreender como os estudantes se veem e o que defendem, estudaremos três movimentos: União da Juventude Socialista (UJS), do PCdoB; o Juntos!, do PSOL; e a JPT, do PT. Utilizaremos como base bibliográfica para análise os documentos que esses grupos

³⁵ PIMENTA, Rui C. **A diferença entre partido operário e partido pequeno burguês**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AyDKV6GP4vU>>. Acesso em 16 de junho de 2018.

³⁶ Idem (de 11min30s a 13min)

lançaram como base político-teórica³⁷ no último Congresso Nacional da União Nacional dos Estudantes, o 55º, e os materiais contidos em seus respectivos *websites* e redes sociais. Por fim, analisaremos algumas ações da chapa Todas as Vozes, que concorreu ao Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade de Brasília (UnB) em 2017, formada por vários grupos de esquerda, incluindo os três citados anteriormente.

3.2. UJS

Como grupo que domina a UNE há anos, e sozinho conseguiu eleger a maioria dos delegados para 2017, a UJS tende a escrever uma tese focada nos problemas conjunturais da educação. Como futura diretoria da instituição, o grupo comunista menciona ações que tomará e as pautas que serão defendidas. No contexto descrito pela esquerda como “golpe de Estado”, a UJS defendeu em sua tese “Vem Quem Tem Coragem!”³⁸ o governo Dilma e criticou Michel Temer, que aplicou “um golpe contra o povo brasileiro”³⁹. Também há menção aos estudantes como “filhos dos trabalhadores”, que estão entrando nas universidades, que antes era local apenas dos “filhos dos doutores”⁴⁰. No final da tese, a UJS defende pautas de organização estudantil, inclusive “O fortalecimento e criação de coletivos feministas, anti-racistas e contra a LGBTfobia”⁴¹, pautas da nova esquerda.

Em seu *website*, a UJS possui cursos de formação e materiais marxistas⁴². O conteúdo é basicamente formado por teses clássicas do marxismo, mas, no documento referente ao feminismo, há uma discussão sobre o posicionamento da teoria feminista e da teoria sobre racismo nos conceitos de classe⁴³.

Não nos interessa entrar nos pormenores desse debate ou buscar um lado, mas sim pontuar que essa tensão entre os conceitos de classe e identitários existe e é reconhecido pelas

³⁷ Em todo Congresso Nacional da UNE, os grupos participantes podem escrever uma “tese”, um pequeno manifesto que é utilizado como fundamento para debates e formação de chapas para a eleição da diretoria. O compilado de todas as teses de 2017 foi denominado Caderno de Teses do 55º Congresso da UNE.

³⁸ **Caderno de Teses do 55º Congresso da UNE**. Disponível em: <<http://www.une.org.br/noticias/conheca-o-caderno-de-teses-do-55o-congresso-da-une/>>. Acesso em 16 de junho de 2018.

³⁹ Caderno de Teses do 55º Congresso da UNE – p.13

⁴⁰ Idem

⁴¹ Caderno de Teses do 55º Congresso da UNE – p.15

⁴² **UJS – Formação**. Disponível em: <<http://uj.org.br/index.php/formacao/>>. Acesso em 16 de junho de 2018.

⁴³ CASTRO, Marcy G. **Combate às Opressões e a Luta pelo Socialismo: Marxismo e Feminismo**. Disponível em: <<http://uj.org.br/index.php/formato-formacao/pdf/?download=12814>>. Acesso em 14 de junho de 2018.

próprias organizações comunistas, que estão debatendo o tema na busca por um modelo de ação que contemple as diversas identidades e os conceitos marxistas.

No manifesto⁴⁴ disponível no portal da UJS, há uma listagem de temas diversos, que vão desde questões puramente estudantis até defesa da construção do socialismo no Brasil, com defesas de revoluções e revolucionários, como a Revolução Cubana e Che Guevara (ponto 31 do Manifesto⁴⁵). No meio disso tudo há a menção dos grupos minoritários:

As elites e os meios de comunicação discriminam o negro, tratando-o como escravo “moderno” e deformando sua história. Às mulheres não dão igualdade de direito e não entendem sua realidade e suas diferenças. A homossexualidade é tratada como doença e não como livre orientação sexual. Preconceito e discriminação são as marcas do nosso tempo. (Ponto 14 do Manifesto⁴⁶).

Nessa linha, há a menção de que a sociedade brasileira banaliza a sexualidade ao mesmo tempo que reproduz machismo e homofobia (ponto 8 do Manifesto⁴⁷).

O jovem definido pela UJS, portanto, é o conjunto de minorias identitárias que são perseguidas por uma sociedade opressora conservadora, que, ao mesmo tempo, também sofre com opressão dos Estados Unidos da América, do capitalismo internacional e pela história colonizadora. A solução para tudo isso é perseguir a “(...)a edificação de um novo tempo, humanizado, igualitário, que constituirá as bases do Socialismo em nosso século. (Ponto 25 do Manifesto⁴⁸) ”.

3.3. Juntos!

Como maior grupo da “Oposição de Esquerda” na UNE, o Juntos! costuma se posicionar contra o domínio da UJS na instituição e o governo do PT. Em sua tese intitulada “PELO DIREITO AO FUTURO: JUVENTUDE EM LUTA CONTRA OS CORRUPOTOS E PODEROSOS”⁴⁹, o movimento Juntos! define o governo petista e a diretoria da UJS como elementos do passado, diferente do grupo do PSOL que seria responsável por uma revolução⁵⁰.

⁴⁴ **Manifesto – Socialismo com a nossa cara!**. Disponível em: <<http://uj.s.org.br/index.php/manifestos/>>. Acesso em 16 de junho de 2018.

⁴⁵ Idem

⁴⁶ Idem

⁴⁷ Idem

⁴⁸ Idem

⁴⁹ Caderno de Teses do 55º Congresso da UNE – pp. 40 a 43.

⁵⁰ Caderno de Teses do 55º Congresso da UNE – p. 42.

O Juntos! dedica um parágrafo inteiro de sua tese para criticar o governo Trump, que seria inimigo das “mulheres, negras e negros, imigrantes, LGBTs,...”⁵¹. O uso da linguagem inclusiva, “negras e negros” também é característica dos jovens do PSOL, que também costuma escrever “das e dos estudantes”⁵². Como exemplo de mobilização e “novo movimento estudantil”, o grupo comenta sobre a vitória da chapa Todas as Vozes para o DCE da UnB (assunto analisado no próximo tópico, 3.4).

Em seu portal, o Juntos! se define como:

Juntos! é a juventude dos indignados: dos tunisianos, egípcios, espanhóis, chilenos. Somos aqueles que estão sem emprego, sem educação, sem cultura, sem casa, mas também sem medo de lutar! Somos aqueles que estão em defesa da Amazônia nos atos contra a construção de Belo Monte e contra o novo código (anti-)florestal! Somos aqueles que estão nas lutas contra toda forma de preconceito, seja de gênero, etnia, idade, credo. Somos aqueles que estavam nas Marchas da Liberdade, das Vadias, no #ForaRicardoTeixeira, contra a corrupção, nas paradas LGBT. Somos aqueles que #TomamosAsRuas e lutamos por uma #DemocraciaRealJá!⁵³

Pela descrição acima, é possível perceber como o grupo se posiciona como uma junção de jovens que militam por temas ambientais, anti-corrupção e identitários. No tópico “Nossas Lutas” no *website*, o Juntos! divide os eixos de luta por temas, inclusive os identitários: Juntas!⁵⁴, o grupo formado por mulheres; Negras e Negros⁵⁵, focado nas questões raciais (veja aqui como o uso da linguagem inclusiva divide até mesmo um subgrupo); e LGBT⁵⁶, que trata de temas ligados a sexualidade e a ideologia de gênero. No eixo de luta “Cultura”, há um compilado de notícias e opiniões referentes ao tema. Uma delas encaixa-se perfeitamente no que foi apontado por Rui Costa Pimenta como a característica que a esquerda pequeno-burguesa tem em achar que sujeira, desorganização, pichação, etc, são coisas de pobre. O texto “Em defesa do grafite e do pixo: os muros da cidade gritam resistência”, os autores Felipe Simoni e Fabio Silva criticam a ação do prefeito de São Paulo, João Doria, de promover uma remoção de pichações dos muros da cidade. Essa ação seria, na visão dos autores, um ato elitista, de esconder as expressões culturais dos pobres e negros, para subjugar a periferia. Eles explicam:

⁵¹ Caderno de Teses do 55º Congresso da UNE – p. 41.

⁵² Caderno de Teses do 55º Congresso da UNE – p. 43.

⁵³ **Quem Somos?**. Disponível em: <<https://juntos.org.br/quem-somos/>>. Acesso em 17 de junho de 2018.

⁵⁴ **Juntas!**. Disponível em: <<https://juntos.org.br/c/lutas/juntas/>>. Acesso em 17 de junho de 2018.

⁵⁵ **Negras e Negros**. Disponível em: <<https://juntos.org.br/c/lutas/negras-e-negros/>>. Acesso em 17 de junho de 2018.

⁵⁶ **LGBT**. Disponível em: <<https://juntos.org.br/c/lutas/lgbt/>>. Acesso em 17 de junho de 2018.

Desconsiderando totalmente a importância histórica e cultural que tem o grafite e o pixo como forma artística e de protesto da periferia de São Paulo, Dória apaga com algumas borrifadas uma trajetória de luta e resistência daqueles que utilizam a arte como forma de expressão.⁵⁷

Um outro texto da área de cultura comenta sobre a luta feminista das atrizes de Hollywood que ganham milhões por filme, mas supostamente não tantos milhões quanto os homens. Há também questões de desigualdade de representação, de participação em filmes, com desproporcionalidade de homens dirigindo e atuando. Segunda a autora, Sâmia Bonfim, os movimentos sociais precisam dialogar com o crescimento do feminismo e conscientizar cada vez mais mulheres sobre as desigualdades de gênero⁵⁸. As mulheres também devem ter o direito de fazerem parte do 1% mais rico dos Estados Unidos.

3.4. Todas as Vozes

Em 2016, na eleição para o DCE da UnB, duas chapas competiram pelos votos dos alunos: Chapa 1 - Aliança pela Liberdade, que estava no quarto ano seguido de gestão, e Chapa 2 - Todas as Vozes, o grupo que era formado por praticamente todos os movimentos de esquerda que atuavam na universidade.

Em seu manifesto de lançamento de chapa, o “Manifesto da Unidade Por Um Novo DCE”⁵⁹, de 12 de novembro de 2016⁶⁰, a Todas as Vozes menciona se insere na conjuntura política nacional, em que o governo de Michel Temer não é mais interino, e o PT faz parte da oposição. Nesse contexto, a chapa 2 descreve o Ministro da Educação Mendonça Filho e o presidente Temer como golpistas, que estão com um “projeto de sucateamento e desmonte da

⁵⁷ SILVA, Fabio; SIMONI, Felipe. **Em defesa do grafite e do pixo: os muros da cidade gritam resistência**. Disponível em: <<https://juntos.org.br/2017/01/em-defesa-do-grafite-e-do-pixo-os-muros-da-cidade-gritam-resistencia/>>. Acesso em 16 de junho de 2018.

⁵⁸ BONFIM, Sâmia. **Oscar 2015: é hora de ter os mesmos salários e os mesmos direitos**. Disponível em: <<https://juntos.org.br/2015/02/oscar-2015-e-hora-de-ter-os-mesmos-salarios-e-os-mesmos-direitos/>>. Acesso em 16 de junho de 2018.

⁵⁹ Chapa 2 – Todas as Vozes. **MANIFESTO DA UNIDADE POR UM NOVO DCE**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/TodasAsVozesUnB/photos/a.1103977922985184.1073741828.110353674636263/1103977699651873/?type=3>>. Acesso em 16 de junho de 2018.

⁶⁰ Para melhor contextualizar o leitor, convém mencionar que a eleição para DCE seria realizada em 2016, mas foi adiada para 2017 devido às invasões de prédios realizadas pelos estudantes de grupos de esquerda que formaram a Todas as Vozes. Assim, há um hiato de tempo entre o começo da campanha, em 2016, e a eleição, ocorrida em abril de 2017. A chapa defendeu o adiamento das eleições em defesa das “ocupações legítimas”: Chapa 2 – Todas as Vozes. **SOBRE O ADIAMENTO DAS ELEIÇÕES**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/TodasAsVozesUnB/photos/a.1103977922985184.1073741828.110353674636263/1111122375604072/?type=3&theater>>. Acesso em 16 de junho de 2018.

educação pública”⁶¹. Apesar desse posicionamento, os estudantes da chapa se definem como uma agremiação de membros de grupos identitários:

Não vamos abrir mão de enfrentar os desafios e mostrar a nossa cara – que também é mulher, negra, LGBT e da periferia. Batemos no peito para dizer que vai ter Centro de Convivência Negra, CA Quilombo e Parada LGBT. A nossa universidade não é espaço para ódio e intolerância. Não seremos omissos ou coniventes com professor assediador, racista ou LGBTfóbico, com estupro em HH e com feminicídio no campus. Pela desburocratização do nome social das e dos estudantes trans nos departamentos e nos sistemas virtuais e pelo acolhimento psicológico de vítimas de violência.⁶²

A chapa é a favor, inclusive, de espaços segregados para os grupos identitários defendidos. O CA Quilombo, por exemplo, foi formado após uma invasão de uma sala de aula protagonizada alunos do movimento identitário negro, que pediam a criação de um espaço seguro de convivência com *status* de centro acadêmico (CA), estrutura que representa alunos de um determinado curso. Nessa mesma pauta, a Todas as Vozes também defendeu a criação de um Centro de Convivência das Mulheres na UnB, defendido na I Assembleia das Mulheres da UnB, convocado pelo grupo OCUPA DAS MINA⁶³.

No trecho citado anteriormente, é possível perceber o uso de “linguagem inclusiva”, como na frase “das e dos estudantes”, para não oprimir mulheres por meio do uso do masculino, “dos estudantes”, como significante de homens e mulheres. Esse tipo de linguagem é utilizado em todas as postagens⁶⁴ e em todos os materiais de campanha. A chapa intitulou o texto de vitória de “VITÓRIA DOS E DAS ESTUDANTES, “TODAS AS VOZES” SERÁ A NOVA GESTÃO DO DCE-UnB”⁶⁵.

Por meio de faixas, como a da imagem abaixo, a chapa também expressou a defesa de pautas de “grupos oprimidos” pela sociedade, inclusive contra o *rascismo*⁶⁶:

⁶¹ Idem 36

⁶² Idem

⁶³ I Assembleia de Mulheres da UnB. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/TodasAsVozesUnB/photos/a.1103977922985184.1073741828.1103536746362635/1217618401621135/?type=3>>. Acesso em 16 de junho de 2018.

⁶⁴ Página oficial da Chapa 2 – Todas as Vozes. Disponível em:

<https://www.facebook.com/TodasAsVozesUnB/?ref=page_internal>. Acesso em 16 de junho de 2018.

⁶⁵ Chapa 2 – Todas as Vozes. Vitória dos e das Estudantes, “Todas as Vozes” Será a Nova Gestão do DCE-UnB. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/TodasAsVozesUnB/photos/a.1103977922985184.1073741828.1103536746362635/1239568799426095/?type=3>>. Acesso em 16 de junho de 2018.

⁶⁶ Faixa provavelmente escrita pela mesma pessoa que sempre escreve “facismo”.

Fotografia 1 - Faixa de campanha da chapa Todas as Vozes pregada na Faculdade de Direito



Fonte: Wallace Alves⁶⁷

Possível notar que a linha geral dos grupos, tanto na UNE quanto na eleição para o DCE da UnB, era a de oposição aberta ao governo de Michel Temer e a defesa das mesmas pautas identitárias e politicamente corretas.

⁶⁷ Foto postada de maneira pública na página Todas as Vozes. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1874873819437205&set=p.1874873819437205&type=3&theater>. Acesso em 16 de junho de 2018.

4. CONCLUSÃO

Sobre a década de 60, foi possível notar que os movimentos estudantis de esquerda estavam inseridos em um contexto ideológico que debatia intensamente o papel das classes sob viés marxista. Além disso, havia o estudo de “temas nacionais” em busca do entendimento profundo da realidade brasileira, da história nacional e o papel do nacionalismo contra as ações “imperialistas americanas”. Assim, os estudantes entendiam seu papel como membros da classe média, que não eram representantes do proletariado, mas poderiam exercer influência e até mesmo liderança nessas ações. Para isso, buscavam seguir e auxiliar nas “lutas populares” contra os interesses dos grupos dominantes.

O contexto de 50 anos atrás trouxe o elemento da luta contra um regime autoritário que representava a dominação das elites e a influência americana no Brasil. Sendo assim, os estudantes participaram ativamente na oposição à ditadura e estavam alinhados com partidos e grupos de esquerda. Quando houve a escolha da opção da luta armada, muitos grupos estudantis ingressaram nesse combate em oposição aos “interesses imperialistas” e aderiram às táticas da luta armada. Dentre elas, a opção do “foco revolucionário”, de influência guevarista, criticada posteriormente por intelectuais como Jacob Gorender na obra “Combate nas Trevas”.

Apesar disso, havia também um elemento de transformação cultural, em que o Regime Militar representava apenas uma expressão política institucional de uma sociedade que carregava valores retrógrados e opressores. O foco nessa luta era a transformação da sociedade por meio de ataque aos “valores cristãos”, ou “valores burgueses”. Na época, essa nova visão política não exercia influência sobre o todo, era apenas um elemento incipiente.

Já no movimento estudantil contemporâneo, a questão dos “costumes” e da “sociedade opressora” é central.

A retórica utilizada contra o governo de Michel Temer, de defini-lo como fruto de um golpe, traz elementos da década de 60, como o posicionamento “nacionalista” contra “interesses estrangeiros” e “entreguismo”. Apesar disso, quando se analisa as pautas utilizadas nas universidades e em processos eleitorais de representação estudantil, os grupos de esquerda se colocam como representantes de uma amálgama de grupos oprimidos. Não mais analisam a sociedade brasileira pelo viés marxista de classes, mas sim por meio da contraposição entre grupos oprimidos e a sociedade opressora. Esses movimentos de esquerda defendem pautas que muitas vezes pedem por maior participação de elementos oprimidos na sociedade burguesa (por exemplo, o caso das mulheres milionárias de Hollywood que são vítimas de opressão por não

ganharem mais milhões como seus pares do *gênero* masculino). Essa superação do conceito de classes é evidente quando se torna possível colocar um homem trabalhador, proletário, como opressor, e uma mulher de classe média como oprimida, por não estar em posição de dominação na sociedade burguesa (CEO, cargo político, cargo burocrático, etc).

Sendo assim, foi possível confirmar a hipótese de que os movimentos estudantis de esquerda da atualidade baseiam majoritariamente sua visão de sociedade em preceitos importados das realidades americana e francesa, com foco na “revolução cultural”. Entretanto, ainda há uma carga histórica relevante nesses movimentos que em momentos de crise, como o vivido por eles após o impeachment, que traz elementos marxistas e de oposição política direta a um governo autoritário representante de interesses imperialistas.

Essa ambiguidade forma a mentalidade e o conjunto de elementos sociais dos grupos contemporâneos da esquerda estudantil, que muitas vezes adotam retóricas ambíguas ou auto-excludentes.

Outro fator importante é que diferente da década de 60, os grupos estudantis estão claramente na vanguarda dos temas e das mudanças sociais e não mais submetidos a uma análise de classes que os colocava como classe não-revolucionária. Nessa “revolução cultural”, os jovens em geral, mas principalmente os universitários, são a expressão máxima da mudança. O contato direto com novas teorias e debates trazidos de fora pode explicar esse papel do estudante e dos intelectuais da universidade, como os professores, como ponta-de-lança nas *inovações*. Um estudo comparativo entre o que é defendido no Brasil e o que é defendido pelos estudantes universitários norte-americanos pode trazer luz a essa questão.

Sem a autoconsciência sobre essa problemática entre os “valores de 2018” e os valores da década de 60, os grupos de esquerda continuarão adotando comportamentos incoerentes e muitas vezes ineficientes para os objetivos perseguidos.

5. REFERÊNCIAS

GURGEL, Antonio de P. **A Rebelião dos Estudantes**. Brasília: Editora UnB, 2012.

MARTINS FILHO, Roberto. **Movimento Estudantil e Ditadura Militar: 1964-1968**. Campinas: Papirus, 1987.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. 1 ed. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2012.

NETO, Lira. **Getúlio: dos anos de formação à conquista do poder (1882-1930)**. 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

POERNER, Artur J. **O Poder Jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros**. 4. ed. São Paulo: Centro de Memória da Juventude, 1995.

REIS FILHOS; MORAES, Pedro de. **1968: a paixão de uma utopia**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

VENTURA, Zuenir. **1968: O ano que não terminou**. 11 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

VENTURA, Zuenir. **1968: o que fizemos de nós**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.